

# DIÁRIO DA ASSEMBLÉIA

Nº 044

CURITIBA, QUARTA-FEIRA, EM 03 DE MAIO DE 2000

ANO XXVI

## Mesa Diretora

**NELSON JUSTUS**

Presidente - PTB

**CAÍTO QUINTANA**

1º Vice-Presidente - PMDB

**JOSÉ MARIA FERREIRA**

2º Vice-Presidente - PSDB

**NELSON GARCIA**

3º Vice-Presidente - PFL

**HERMAS BRANDÃO**

1º Secretário - PTB

**AUGUSTINHO ZUCCHI**

2º Secretário - PPB

**RENATO GAUCHO**

3º Secretário - PSDB

**ÂNGELO VANHONI**

4º Secretário - PT

**LUIZ CARLOS ZUK**

5º Secretário - PDT

**ABIB MIGUEL**

Diretor Geral

## Lideranças

<i>Líder do Governo</i> .....	<i>Valdir Rossoni</i>
<i>Líder Oposição</i> .....	<i>Irineu Colombo</i>
<i>PTB</i> .....	<i>Ademar Traiano</i>
<i>PFL</i> .....	<i>Plauto Miró Guimarães</i>
<i>PMDB</i> .....	<i>Nereu Moura</i>
<i>PPB</i> .....	<i>Tony Garcia</i>
<i>PT</i> .....	<i>Ângelo Vanhoni</i>
<i>PDT</i> .....	<i>Edgar Bueno</i>
<i>PSDB</i> .....	<i>Sérgio Spada</i>
<i>PSB</i> .....	<i>Ricardo Maia</i>
<i>PSL</i> .....	<i>Edno Guimarães</i>
<i>PST</i> .....	<i>Divanir Braz Palma</i>

## Representação Partidária

*PTB - 11: Ademar Luiz Traiano - Algaci Tulio - Beto Richa - Carlos Simões - Cezar Silvestri - Hermas Brandão - Luiz Accorsi - Nelson Justus - Ricardo Chab - Valdir Rossoni - Tiago Amorim Novaes; PFL - 08: Basílio Zanusso - Chico Noroeste - Cleiton Kielse - Durval Amaral - Elio Lino Rusch - Luiz Carlos Alborghetti - Marcos Isfer (licenciado) - Nelson Garcia - Plauto Miró Guimarães; PSDB - 08: Albanor Gomes - Antonio Baratter - Augustinho Zucchi - Beraldin - José Maria Ferreira - Luiz Fernandes da Silva Litro (licenciado) - Renato Gauchó - Serafina Carrilho - Sérgio Spada; PMDB - 07: Ademir Bier - Antonio Annibelli - Caíto Quintana - Edson Strapasson - Nereu Moura - Orlando Pessuti - Waldyr Pugliesi; PPB - 04: Cesar Seleme - Duílio Genari - Fernando Ribas Carli - Tony Garcia; PT - 04: Ângelo Vanhoni - Hermes Fonseca - Irineu Colombo - Péricles de H. Mello; PDT - 03: Edgar Bueno - Luiz Carlos Zuk - Moysés Leônidas; PSL - 03: Geraldo Cartário - Luiz Carlos Martins - Edno Guimarães; PST - 02: Divanir Braz Palma - Hidekazu Takayama; PSB - 02: Antonio Carlos Belinati - Ricardo Maia; PL - 01: Pastor Edson Praczyk; PSC 01: Miltinho Puppio.*

**2ª SESSÃO LEGISLATIVA DA  
14ª LEGISLATURA  
ATA DA 034ª SESSÃO ORDINÁRIA  
REALIZADA EM  
03 DE MAIO DE 2000**

(quarta-feira)

Presidência do senhor deputado Nelson Justus, secretariada pelos senhores deputados Edno Guimarães e Augustinho Zucchi.

À hora regimental é registrada a presença dos seguintes senhores deputados: Nelson Justus, Caíto Quintana, José Maria Ferreira, Nelson Garcia, Hermas Brandão, Augustinho Zucchi, Renato Gaucho, Ângelo Vanhoni, Luiz Carlos Zuk, Ademar Traiano, Ademir Bier, Albanor Gomes, Algaci Tulio, Antonio Baratter, Antonio Carlos Belinati, Antonio Annibelli, Basílio Zanusso, Beraldin, Beto Richa, Carlos Simões, Cesar Seleme, Cezar Silvestri, Chico Noroeste, Cleiton Kielse, Divanir Braz Palma, Duílio Genari, Durval Amaral, Edgar Bueno, Edno Guimarães, Edson Strapasson, Elio Rusch, Fernando Ribas Carli, Geraldo Cartário, Hermes Fonseca, Hidekazu Takayama, Irineu Colombo, Luiz Accorsi, Luiz Carlos Alborghetti, Luiz Carlos Martins, Miltinho Puppio, Moysés Leônidas, Nereu Moura, Orlando Pessuti, Pastor Edson Praczyk, Péricles Mello, Plauto Miró Guimarães, Ricardo Chab, Ricardo Maia, Serafina Carrilho, Sérgio Spada, Tiago Amorim Novaes, Tony Garcia, Valdir Rossoni e Waldyr Pugliesi (54).

Verificada a existência de número legal, o senhor presidente declara aberta a

### SESSÃO.

O SR. PRESIDENTE (**Nelson Justus**)

Sob a proteção de Deus iniciamos os nossos trabalhos.

O SR. 2º SECRETÁRIO

Procede à leitura da Ata da sessão anterior, a qual é aprovada sem observações.

O SR. PRESIDENTE (**Nelson Justus**)

Não há Expediente a ser lido.

Primeiro orador inscrito no Pequeno Expediente, com a palavra o deputado Edno Guimarães.

O SR. EDNO GUIMARÃES

Senhor presidente e senhores deputados. Estamos de volta a esta tribuna trazendo a nossa preocupação e até nossa indignação pelos fatos ocorridos na minha cidade, Cianorte, ou seja, na Capital do Vestuário. Nós estamos passando por uma fase bastante turbulenta na cidade,

com as opiniões bastante divididas e manifestações em praça, até dos alunos daquela cidade.

É tanto comentário que corre nos meios da população cianortense que estamos cada vez mais preocupados. Quanto à legalidade do desmate lá feito, não temos questionado, porque sabemos que quando fazem, fazem bem feito. Há rumores lá que há interesse muito grande da parte do prefeito no desmatamento desta área de 100 alqueires paulista, ou seja, 240 ha, e que isto, transformado em loteamento vai dar quase que 6 mil lotes. Seis mil lotes! Para quem é cartorário na cidade, são seis mil escrituras a mais que serão feitas. Além do que, com o desmate desta área de mata virgem, nativa, incorpora-se ao perímetro urbano mais uma fazenda, eu estive lá, inclusive o deputado Geraldo Cartário esteve nos visitando, também o deputado Divanir Braz Palma, e pudemos comprovar o interesse desta fusão ou incorporação da propriedade, aonde já está feito um loteamento, que não havia interesse da população, porque a mata virgem separava do corpo da cidade, até então. E nós temos outras áreas que poderiam ser loteadas, em Cianorte, que é pasto, que é quicença, nós temos áreas de sobra. E eu não sei porque o interesse do prefeito em procurar justamente mexer na vida dos nossos netos, dos nossos filhos, dos filhos do futuro que virão ao nosso planeta. Estamos indignados!

Acho tive o prazer de levar o deputado Cartório, lá, no meu carro, e mostrei-lhe as árvores derrubadas no chão, as raízes ao sol da terra. Podemos mostrar que não é capoeira, como hoje estão distribuindo dossiê nos gabinetes para provar que de fato precisaria ser feito ou que justifica. Não, não é por motivo de o município futuramente receber 20 mil reais por mês do ICMS ecológico que vamos derrubar nossa mata sendo que já é nossa, não precisamos negociar com os empresários, proprietários de toda essa área, porque já não pode derrubar, não pode mexer. Mais hoje, mais amanhã ela será nossa.

Então, por isso que nós questionamos, brigamos, defendemos o meio ambiente, justamente, como já disse há poucos dias na tribuna, justamente na semana das festividades de quando o Brasil comemora os seus 500 anos de descobrimento, aonde nós estamos com mudas do pau-brasil em cima de nossas mesas, que ganhamos do deputado Beraldin, nós estivemos presentes em mais de 20 solenidades distribuindo estas mudas, enquanto que em Cianorte quatro máquinas de esteira, depois contrataram mais duas que era para render à noite o desmate...

**(Término do tempo - orador passa a usar o Horário da Liderança do PSL)**

Então, acabamos por perceber que o maior interesse é mesmo seis, sete mil escrituras, que isto em dinheiro gera um valor altíssimo, em 500 reais cada uma são três milhões e meio de reais para o cartório. Por isso que nós, indignados com isto, - às vezes alguém fala, mas é adversário político -, nós no meio ambiente não olhamos para isto, tanto é que a proposta nossa do voto de repúdio

tanto é para o senhor prefeito, como para o secretário do Meio Ambiente, como para o presidente também do IAP, porque justamente nós, nos satisfaz dizer que olhou a mata, sobrevoou a área - de jeito nenhum - tem que descer e olhar. Não aceitamos esta autorização de jeito nenhum. Graças a Deus que nós conseguimos uma liminar na Justiça e está berrado, mas o filé mignon desta mata já está no chão derrubado. Resta ainda peroba, temos madeira de lei, temos uma área muito grande ainda para ser desmatada. Agora está travado na justiça esta briga e nós vamos brigar e vamos até as últimas consequências.

Por isso nós encaminhamos o voto de repúdio e não retiramos.

### **O Sr. Geraldo Cartário**

Permite um aparte, deputado?

**(Assentimento)**

Agradeço o aparte de Vossa Excelência e o voto de repúdio outorgado e aprovado por esta Casa ao senhor Hitoshi é mais do que merecido não só pelo fato isolado de Cianorte, mas por questões já levantadas em diversos municípios do Estado.

Quando cheguei em Cianorte e vi aquele desmatamento de peroba, que é a peroba rosa que faz parte do símbolo de Cianorte eu sinceramente senti que estaria num outro Estado que não este Estado que o pequeno agricultor aqui da nossa região metropolitana já foi preso, algemado porque cortou uma árvore que poderia cair em cima de sua casa e ele foi diversas vezes ao IAP e não conseguiu respaldo para autorização deste corte, e fez por conta e foi preso em flagrante e foi uma confusão tremenda.

Agora, lá foram 20, 30 alqueires, eu vi a peroba deitada cortada, eu vi tudo isto. Gostaria então de dizer ao deputado Edno algumas colocações - a primeira eu faria um apelo aqui ao líder do Governo, deputado Rossoni, que antes de votarmos o voto de repúdio ao órgão técnico do IAP, quer fosse levantada a possibilidade da revogação concedida pelo IAP ao corte em Cianorte, porque ainda existe alguma mata que não foi derrubada. Se o IAP, a Secretaria do Meio Ambiente, do senhor Hitoshi, resolver revogar esta concessão, esta autorização, estaríamos com o problema resolvido. Eu faria um apelo ao líder do Governo, estive em Cianorte, vi de perto a reclamação total do povo, em todo lugar que chegávamos falavam assim; “deputado, o senhor é o deputado de Cianorte, o senhor é um homem ligado ao governo, como é que deixa acontecer um crime desse aqui dentro de Cianorte, está no miolo da cidade?” E eu realmente não entendi porque aqui na nossa região como eu falei, estamos aí com um projeto de companheiros há dois, três, quatro, cinco anos para conseguir uma autorização. Há pouco tempo atrás tive - inclusive contando com o apoio do deputado Rossoni - um projeto de mais de três anos; e como é que aconteceu tão rapidamente em Cianorte uma autorização desse tipo, acabando com o

que existe de mais tradicional ali na região, em toda a região de Umuarama e Cianorte, que é peroba rosa, que foi destruído. Por isso peço ao líder do Governo que interfira junto à secretaria do Meio Ambiente, que mande o corpo técnico de novo a Cianorte para uma renovação desta lei concedida. E mais, espero que Vossa Excelência, como deputado de Cianorte, ingresse na Justiça com um processo contra o prefeito da cidade, pois o mesmo desrespeitou uma lei do município que transforma a peroba rosa em símbolo, proibindo qualquer corte; e o prefeito, em convênio ou não convênio, ou deixando sempre o mais forte ficar mais forte, o rico ficar cada vez mais rico, que é o caso da Companhia Paranaense de Melhoramentos do Norte do Estado, que é a proprietária, acho que Vossa Excelência deveria então ingressar na justiça, ou a Câmara Municipal de Vereadores de Cianorte, ou qualquer cidadão, para que o prefeito respeite a lei do município, e não tenha permitido o corte absurdo como aconteceu em Cianorte.

Obrigado pelo aparte.

### **O SR. EDNO GUIMARÃES**

Obrigado. Senhor presidente, nós vamos ter que entrar na justiça porque até uma pequena ONG, existe lá, digo pequena porque tem uma meia dúzia de filiados, assistir a solenidade autorizatória do desmate. Então, acho que esta ONG, está mais preparada para tomar conta da tabula do Pantanal do Mato Grosso do que das matas no Estado do Paraná. Nós não aceitamos de jeito nenhum. Queria deixar também aqui uma proposta pedindo ao senhor presidente, aos senhores deputados, ainda parece que não chegou o presidente da comissão, dos deputados que compõem a Comissão do Meio Ambiente, para que nos deslocássemos e eles fossem ver “*in loco*” o que está acontecendo se de fato for capoeira nós retiramos o voto de repúdio que ainda falta ser aprovado, se for peroba rosa e matas virgens, nós temos que aprovar para outras entidades que comungaram com os mesmos ideais.

### **O Sr. Beraldin**

Vossa Excelência me concede um aparte?

Volto a apartear Vossa Excelência, e ouvi também atentamente o aparte do deputado Cartário. O relato que vossa Excelência faz é dos mais graves, nós tomamos conhecimento. E acho entrar na justiça pode demorar porque os tratores andam depressa.

Por isso apresentei ontem a esta Casa a iniciativa de criarmos uma comissão composta de cinco deputados para que em noventa dias dê o relato da situação do desmatamento no Estado do Paraná.

Digo isso a Vossa Excelência porque ontem prometi aos deputados, disse que hoje traria o novo desmatamento que está acontecendo aqui em Tunas do Paraná, e daqui a dez minutos no máximo chegarão as fotos de árvores de até 500 anos, tombadas à beira da estrada, um desmatamento no Parque da Moraça mais

especificamente aqui em Tunas do Paraná, e que há muito tempo está se tirando madeira virgem, que agora as pessoas passaram a telefonar a partir de ontem, que hoje mesmo eu mandei uma equipe do meu gabinete e lá foram fotografar “*in loco*” os caminhões e as madeiras tombadas, madeiras que não são madeiras que foram plantadas, que estão dentro de um objeto de tombamento do programa de manejo, mas são árvores nativas. O Parque da Moraça é nacional e estadual e é algo extremamente sério. Por isso, que pedi essa Comissão Especial e, hoje, espero que esta Casa vote, se aceita formar essa comissão ou não. Temos a Comissão do Meio Ambiente na Assembléia Legislativa, mas ela tem outros fins de dar, naturalmente, o andamento aos processos que na Casa são apresentados. Uma comissão especial pode dirimir todas essas dúvidas, que pairam sobre o nosso Estado do Paraná.

#### O SR. EDNO GUIMARÃES

Muito obrigado, deputado Beraldin, pela sua contribuição. Quanto a essa comissão especial, vai depender, é claro, da votação. O que queremos lá é um trabalho efetivo e que de fato os parlamentares e os companheiros me ajudem a barrar esse desmatamento, da maneira mais rápida e mais prática e vamos agir assim.

Moramos, já disse muitas vezes, há 50 anos em uma cidade, onde o prefeito discute com uma ONG e uma meia dúzia, escondido, na calada da noite, um desmate de 100 alqueires de terra onde como prefeito tínhamos os guardas municipais tomando conta, quando tínhamos uma estiagem, com mais de 30 dias. Isso acabou-se e estão as perobas rosa no chão.

O deputado Geraldo Cartário lembrou muito bem o símbolo do nosso município, que é a Capital do Vestuário. Ontem, eu estava vendo na Tribuna do Povo, manchete, de que é o município que mais deve no Paraná, o que me constrange muito quando fomos prefeitos, entregamos com um saldo de caixa. Hoje, é o município que mais deve no Paraná. Estamos aborrecidos, porque de fato transformamos a Capital do Vestuário. Hoje, essas notícias péssimas, além do débito da dívida duplicada, muitas vezes, ainda é a cidade onde está se desmatando. Se fosse uma área distante da cidade, seríamos contra, radicalmente, e muito mais no cinturão verde dela, que é em volta da cidade e da igreja da matriz, que é o cartão de visita de Cianorte.

É essa a minha indignação e um pedido de encaminhamento do voto de repúdio, que faltou votar na sessão de ontem, por não estarmos presentes, parece-me. Mas, hoje, estamos encaminhando e esperamos os votos dos nossos parceiros, para que nós encurralemos ou façamos com que o meio ambiente seja preservado, no Estado do Paraná.

Muito obrigado.

#### O SR. PRESIDENTE (Nelson Justus)

Segundo orador inscrito, no Pequeno Expediente, com a palavra, o deputado, Nereu Moura.

#### O SR. NEREU MOURA

Senhor presidente, senhores deputados, nós ainda estamos a nos perguntar se é verdade que tudo isso ocorreu no Paraná, se todo esse quadro lastimável, deplorável, ocorreu, aqui, no nosso querido Estado do Paraná. Uma emoção enorme, senhor presidente, se apodera dos nossos sentimentos, quando nos deparamos com a tristeza, a violência, a revolta, em função da prática adotada pelo governador Jaime Lerner, no tratamento das questões sociais do nosso Estado do Paraná. Truculência, agressão, violência, assassinatos, esta tem sido a prática adotada pelo governador Jaime Lerner no tratamento com a sociedade civil organizada, do nosso Estado.

Jamais imaginava que o Paraná onde nasci, este Estado referência para o Brasil, pudesse ser palco vergonhoso como aquele registrado ontem e em outros episódios, envolvendo as autoridades do governo e a polícia do Paraná! Jamais acreditava, jamais esperava ver, no nosso território cenas muito piores do que aquelas registradas em Eldorado dos Carajás, lá no Estado do Pará! Infelizmente tenho que dar a mão à palmatória, o Paraná faz escola e como se usa da maneira mais perversa e cruel o aparelho repressivo, para açoitar, arrebentar com a dignidade humana e o governo Jaime Lerner lidera esta situação.

É um governo divorciado do povo do Estado, é um governo que não tem sensibilidade no tratamento das questões mais prementes da nossa sociedade! É um governo que tenta usar a força, a violência e a agressão para impor a ordem, não sabendo ele que a ditadura, que o regime militar, o arbítrio e a prepotência fazem parte do passado. É assim que, infelizmente, o Paraná está sendo governado. Com a marca do sangue nas BR's, nas costas dos trabalhadores e marca do chicote, da baioneta e da bala! É assim que o governo Jaime Lerner governa o nosso Estado do Paraná!

Há dias atrás, senhor presidente, fomos testemunhas da agressão da Polícia Militar, que cumpria ordens, naturalmente, porque a Polícia Militar é disciplinada, no espancamento de caminhoneiros que faziam um protesto em função de um aumento terrível do pedágio. A maneira que o governo encontrou para diluir o movimento partidista dos caminhoneiros foi através da repressão violenta, da perseguição perversa e cruel, espancando, açoitando e vitimando os trabalhadores do volante do Paraná!

Aqui estive o Luiz Cila como representante de toda aquela situação e esperávamos que aquilo tivesse servido de lição para este governo, que atos iguais àquele jamais se repetissem no Paraná!

Senhor Presidente, uso o Horário da Liderança do PMDB.

E o que assistimos ontem, o Brasil e o mundo assistiram, cenas das mais picantes, proibidas para menor, de um governo insensível que se empoleira no

poder e que constrói na praça pública um cercado para que o povo não o veja! Que fecha a Praça Nossa Senhora da Salete, que elimina o contato com a população! Um governo que, infelizmente, humilha o nosso Estado! Aquela lição não serviu para o governo Jaime Lerner, a da agressão aos trabalhadores do volante e ontem a cena veio dobrada, ao cubo!

Senhor presidente hoje, ao ver todo o desdobramento daquela situação, confesso que me senti entristecido, diminuído da minha função de deputado estadual, de ver a polícia, de ver o governo, as autoridades do governo tentando usar a mídia para disfarçar os seus atos covardes.

Quero deixar, em nome do PMDB, a nossa mais profunda indignação. Esse grito que sai do meu peito é o grito que sai do povo do Paraná, desse trabalhador que não é respeitado por este governo, que não quer conversar, que quer espancar, que quer ver sangue derramado na rua.

É a revolta do PMDB. De ver um governo tão longe do povo. Um governo iludido. Um governo que se dá o luxo de ir inaugurar a iluminação da ponte que liga o Paraná ao Mato Grosso. Uma obra que ele privatizou depois de concluída. Demonstrando que está completamente fora da realidade do nosso Estado. Perdeu o caminho; não sabe aonde ir. É um governo como a nau, como o navio construído pelo Rafael Greca que até hoje não aportou em Porto Seguro, esperando que os ventos o soprem. E os ventos sopram para a violência, para a agressão, para a morte e para o assassinato.

Além disso tem o episódio da greve dos motoristas de caminhão. Por mais que o governador Jaime Lerner tenha agido com competência para divulgar que a greve atingiu e está atingindo mais de 90% dos veículos pesados do Estado do Paraná. Sem bloqueio nas estradas os caminhoneiros param, porque estão defendendo a sua honra e a sua dignidade. Está lá, nas rodovias do Paraná, um forte aparato policial em todos os pontos de paralisação para intimidar os caminhoneiros do Estado do Paraná. Mas nem com isso o governador Jaime Lerner esfriou o sangue dos trabalhadores caminhoneiros que lutam por uma vida melhor. A greve no Paraná é repleta de sucesso, muito embora o governo possa dizer que não. Alguns meios de comunicação tentam passar uma outra realidade. O fato é que ontem tivemos um contato pessoalmente em Pato Branco, Francisco Beltrão, Cascavel, Laranjeiras, Guarapuava, Ponta Grossa e conseguimos observar que os caminhoneiros pararam o Paraná.

O governo tem que ser ágil. Esse governo que é eficiente para espancar trabalhadores, esse governo que é ágil para reprimir o movimento social, este governo que não tem dó, piedade, que espanca, derrama o sangue do trabalhador, tem que ser ágil, para conter a greve, porque senão amanhã vai faltar gasolina, remédio, comida nos supermercados. Esperamos que o governo saia do pedestal, abra os portões das grades que fecham o Palácio

Iguaçu e deixe o povo falar e atenda as reivindicações da nossa comunidade.

Para finalizar aqui, as minhas palavras, quero dizer que infelizmente o Paraná tem duas realidades: a realidade de quem está no Palácio Iguaçu, ali separado do povo por grades, incomunicável, no mundo da fantasia, do acrílico e a realidade do povo sofrendo, do povo trabalhador, do caminhoneiro, do sem-terra, do agricultor, do funcionário público, dos professores que há cinco anos e meio não sabem o que é ter aumento. Dos funcionários levam a máquina do Estado no ombro, que não são respeitados nesse governo, são dilapidados todos os dias.

A não ser os marajás, cargos de confiança, que recebem 170% de aumento, 300 e pouco por cento de aumento, mas os trabalhadores que dão o duro no dia-a-dia, que tocam a máquina, esses estão esquecidos.

Por isso, o Paraná vive duas realidades: a realidade do Jaime Lerner que diz que o Paraná é uma maravilha, que o nosso Estado é um berço esplêndido, que é uma situação fantástica. A outra realidade é a realidade do nosso povo que sofre, do agricultor.

O governo do Paraná não honrou os convênios de calcário para o agricultor, no ano passado não distribuiu uma “gota” de calcário para nenhum município do nosso Estado.

É por isso que o Paraná vive duas realidades. Esta é a realidade sofrida de caminhoneiro, de professor, de agricultor, de comerciante que é torturado pela fiscalização. A outra que é do Jaime Lerner que na verdade vive num berço esplêndido, viajando de avião a jato, para o exterior e para o interior, inaugurando a iluminação da Ponte de Guairá, imaginando que está fazendo uma grande obra o Estado do Paraná.

Não nos conformamos com a maneira truculenta desse governo, com o sangue que ele faz derramar dos nossos irmãos paranaenses. Não dá para se conformar com a maneira como este Estado está sendo governado.

A violência, aí vem na televisão, o secretário de Segurança e diz: “Nós queremos conter a violência no Estado do Paraná”.

Que ironia, um homem que respeitávamos, que achávamos que iria mudar o rumo da Secretaria de Segurança mas que infelizmente, depois que assumiu a Secretaria, episódios e mais episódios lamentáveis estão ocorrendo no Paraná, de violência de agressão. Nem parece o José Tavares que nós conhecemos aqui na Assembléia, aquela figura humana, democrática que construiu a sua vida no banco da democracia, na trincheira da liberdade.

Ao assumir um posto do governo, mudou completamente. Daí eu me lembro de uma frase do finado Ulysses Guimarães: “Se quiseres conhecer o caráter e um homem, dê o poder a ele, porque daí ele vai se revelar”.

E como se revelou o nosso deputado José Tavares, se revelou para o lado errado, o lado da agressão, da violência impiedosa.

Esquecera seu passado, colocou na gaveta a democracia que ele defendia e em conluio com o governador Jaime Lerner, que é o seu professor, maltrata o povo do Paraná.

Fica aqui registrado, senhor presidente, o nosso inconformismo, pela maneira como o nosso Estado está sendo desgobernado pelo governador Jaime Lerner.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (**Nelson Justus**)

No Grande Expediente concedo a palavra ao deputado Irineu Colombo.

O SR. IRINEU COLOMBO

Senhor presidente, senhores deputados.

O dia todo de ontem foi um dia, para mim, de uma experiência extremamente angustiante, dolorosa e confesso que estou bastante abalado, extressado emocionalmente, um pouco sem força, ainda. Coisa que não é do meu feitio. Porque sou professor há muito tempo, desde meus 18 anos sei lidar com adolescente barra pesada, com grupos de pessoas, salas com cento e tantos alunos, mas diante de um calibre 12, não tem argumento. Senhor presidente, gostaria de relatar nesses 30 minutos que tenho de Grande Expediente, passo a passo, o que eu sou testemunha e vou citando as pessoas - testemunhas de cada fato.

Era 5 horas da manhã, me encontrava no Posto 100 - juntamente com Andre Felisberto, dando o apoio ao movimento dos caminhoneiros. Movimento que começou fraco, lentamente ganhou força e recebemos algumas informações pelo rádio de que havia uma movimentação de sem-terra. E liguei para a Liderança do MST - e Roberto Baggio e ele me informava que estava naquele momento, na Polícia Rodoviária Estadual, na entrada do contorno em Curitiba, na BR -277. Pedi que eu fosse até lá e não fui porque estava comprometido já com os caminhoneiros, recebia, naquela hora, ligação pelo celular o deputado Orlando Pessuti que já estava se movimentando também numa outra direção para atender um grupo de caminhoneiros.

Em seguida falei para o Pessuti que estava me dirigindo até à Polícia Rodoviária Estadual, porque o Baggio retornou uma ligação no celular dizendo que estava sendo preso naquele momento.

Daí perguntei: "Mas porque você está sendo preso?" Não sei, chegaram e me prenderam. Não conversaram comigo, me algemaram, me colocaram no camburão. Em seguida ele me ligou, novamente, porque ele ainda se encontrava dentro do camburão - desta vez sem algemas minutos depois. Segui, então erreí o caminho, achando que era na entrada do lado de Araucária, na verdade era na BR -277, não havia entendido ao telefone.

Cheguei, senhor presidente, ali no posto da Polícia Rodoviária Estadual e queria saber o que estava acontecendo, porque do lado estavam 5 ou 6 ônibus dos sem-terra, com militantes dos sem-terra.

Vale a pena até dizer: ex-sem-terra, porque, 90% deles - depois ficamos sabendo - que já são assentados há mais de 9 anos. São portanto, qualificados como pequenos agricultores. São assentados, emancipados estão, hoje, na qualidade de pequenos agricultores. Estavam vindo no ônibus, 5 ônibus junto ao posto da Polícia Estadual - é bom separar o conflito principal desse conflito secundário aonde estou, estou fazendo um testemunho. Chegando ali me apresentei e pedi para falar com o comando, o comando dessa operação é o major Moleta, não está aqui, foi na direção de São Luiz do Purunã, mas alguém fica. Não, não tem ninguém. Começaram a me enrolar, senhor presidente, poderia saber, falei com o pessoal do MST; queremos ir para Curitiba, só que estão impedindo, seguraram os ônibus aqui e tal, estão pedindo para o pessoal sair do ônibus não sabemos aonde que vão ficar. De repente começaram a sair sem-terra, os policiais cutucando no ônibus, começaram a descer, mulheres, crianças, homens, idosos, começaram a se concentrar ali, ficar do lado do ônibus até aquele momento. Dizem que não iriam para a frente. Tinha um capitão de óculos escuro. Falou: você quer o comandante. Este é o capitão, pode falar com ele. Eu falei: capitão, por gentileza, sou o deputado Colombo. O capitão nem me deu bola.

Naquela hora avistei o deputado Rosinha e o seu assessor, o Márcio. O Rosinha estava falando com assessoria do gabinete do secretário, isto era aproximadamente 8h15, 8h30 da manhã, falei com o secretário. Naquilo passou o helicóptero, eu liguei para a Secretaria de Segurança, em seguida falei com o nosso ex-colega Trentini: - Trentini, está tendo alguma confusão aqui, quero saber o que estava acontecendo, por que os sem-terra não podem continuar, estava no movimento e nem sabia que tinha isso aqui. O que está acontecendo? -É, tem uma ação judicial e tal, mas o secretário vai aí conversar com vocês. O Trentini falou isso para mim. Acho que ele é uma pessoa que merece respeito. O secretário vai conversar com vocês.

Nisso, os sem-terra entraram, a polícia havia interditado, abaixo uns 100 metros, interditado a rodovia, portanto, o trânsito foi impedido pela Polícia Militar do Paraná.

Os sem-terra, vendo a pista sem movimento, entraram na pista e ficaram de prontidão com as bandeiras na frente. Imediatamente o pelotão colocou-se em posição, e pelo rádio chamavam o reforço. Chegou a cavalaria e a tropa de choque quando foram para cima dos sem-terra.

Eu, o deputado Rosinha e mais um advogado da CPT se colocou a frente dele e falou: olha vamos conversar, vamos tentar convencer os sem-terra aqui, que não soubemos o que está acontecendo. E ligava na Secretaria de Segurança e não nos informavam do que estava acontecendo, não sabíamos absolutamente nada, sabíamos que tinha um conflito eminente. Pedi para o Rosinha e falei: Olha, o que acontece é que os sem-terra vêm fazer uma manifestação pelo crédito, porque eles, ex-sem-terra têm

propriedade e não têm crédito. Naquilo, no momento de crise, chegou o tenente coronel Ribeiro, quando perceberam que nós dois deputados iriam enfrentar a tropa de choque, porque é uma absurdo o que estava acontecendo ali, ninguém queria conversar, e nós íamos, senhores deputados, enfrentar a tropa de choque. Porque falei para o comandante: quero ser preso aqui, me prendam, vocês sabem que em flagrante podem me prender, alegue qualquer coisa: deputado pode ser preso em flagrante, me prendam, vai ser ótimo. O tenente coronel Ribeiro falou: vamos conversar. O deputado Rosinha se voltou para os sem-terra e falou: Vamos conversar aqui pessoal, vamos fazer, quero fazer um apelo para vocês. O governo não quer conversar, vocês sabem, fiquem na pista, levem o cacete e vocês saiam, imediatamente, sob o comando do deputado federal Rosinha, os sem-terra se retiraram. Comando é o modo de dizer; na verdade é um apelo, uma forma de conversar.

Saíram, apaziguou-se os ânimos. O tenente-coronel Ribeiro e mais um outro tenente-coronel que auxiliara, pediu para irmos para Purunã porque as viaturas passavam rapidamente por nós e falaram que já tinha gente morta lá, isso em torno de 8h30, 8h45, ou 9h, mais ou menos nesse período.

Saímos, eu, o deputado Rosinha e mais um integrante do MST que correu esses 10 quilômetros que separavam, e nós fomos adiante, por isso que a imagem da televisão mostra o confronto aqui, que é a imagem estabilizada com tranqüilidade, já que estávamos conversando, e a segunda imagem que é aquela a qual não pegaram no início de tudo, o importante é saber esse detalhe.

Chegamos no local, até uma altura fomos de carro paramos no posto e andamos à pé, chegando no local, vimos uma cena horrível para a Polícia Militar do Paraná, o capitão dando de dedo no coronel, no coronel que nos acompanhava. Tem várias testemunhas, o vereador Tadeu viu isso, o deputado Rosinha viu isso, o advogado Roberto viu isso. Percebemos que a coisa estava sem controle, não tinha um comando e nenhum retorno da Secretaria de Segurança nos era dado. Aí o tenente-coronel Ribeiro falou que tinha um documento da Justiça que autorizava aquela ação. Falei que eles não estavam se manifestando, não estavam ocupando terra, estavam indo para a cidade como poderiam ir para a praia ou Rio de Janeiro, não havia nenhuma ilegalidade naquilo. E, ele me respondeu que teria que discutir isso com a Justiça.

Chegamos lá e vimos vários sem-terra andando em fila indiana, com as mãos presas passavam pelo meio de soldados que os cutucavam. Eu vi alguns no camburão e mais adiante havia uma gruta onde tinha um matagal e os policiais atiravam sobre a mata. Não atiraram contra as pessoas, mas sobre a mata. Havia muita pólvora, muita fumaça e gritavam para os sem-terra saírem da gruta onde estavam. Era uma queda de mais ou menos 10 metros, com um riacho lá em baixo.

Pediam para os sem-terra sair e continuavam dando tiros! Imagina se eles iriam sair! O tenente-coronel

Ribeiro falou: “Estão aqui os deputados Colombo e Rosinha e estamos querendo controlar a situação mas a polícia não obedecia, era tiro para todos os lados. Nos colocamos na frente da tropa, nos apresentamos aos gritos para que os sem-terra percebessem que estávamos ali. Eram crianças, um rapaz com uma moça desmaiada nas costas que começaram a sair.

Então, o rapaz foi pego por 3 PMs e começou a apanhar e tive que intervir porque ele não oferecia perigo nenhum, estava sob absoluto controle.

Mais adiante estava um galpão industrial de onde saía uma fila enorme de sem-terra com a mão na cabeça. Chegaram em uma ponte onde eram colocados mulheres e crianças prostados sem poder levantar a cabeça. Esta imagem a televisão captou.

Então, acabamos nos dividindo. Andamos mais 10 metros e vimos várias pessoas sendo presas, escorrendo sangue. Até aquele momento não havia visto nenhum policial ferido e só vim a saber disso pelas fotografias do jornal. Um policial apenas. E, a tropa invadindo outro setor da mata. Então o tenente-coronel falou para que o tenente Sato não entrasse na mata, que tinha um deputado ali para conversar com os sem-terra porque até aquele momento a informação que se tinha era que os sem-terra haviam tomado uma arma da polícia. Então prometi ao tenente-coronel que se eles tivessem tomado a arma, que conversaria com eles e traria esta arma de volta.

Entreí na mata, encontrei o tenente Sato e gritei para que todos tivessem calma. A tropa estava excitada e para que se tenha uma idéia eu estava na frente da tropa do tenente Sato que me conhecia de Foz do Iguaçu.

Ele falou que eu tomasse cuidado que os sem-terra poderiam atirar e eu disse que eles não atiram em ninguém, isso é o comando que fala para os policiais que não conhecem a realidade. O comando informa que eles estão fortemente armados porque é o espírito beligerante para que os soldados achem que estão com inimigos da mesma altura e vão com força máxima.

Chegamos ao outro descampado onde tinha mais um barranco e falaram para seguirmos então eu disse que se os sem-terra já haviam chegado ali, já estavam a 10 quilômetros na frente, apavorados, os caras andam em alta velocidade. E, realmente, veio a se confirmar isso, depois. Saímos da mata pisado sobre óculos, bonés, bandeiras, sangue, sapatos, botinas, chinelos. Saímos dali e vimos uma moça com a perna quebrada, outro velhinho desmaiado. E, surpresa minha, o tenente coronel Ribeiro, quando chega a imprensa, ele fala: deputado, deputado. Recuperamos a arma. Mas, aonde estava a arma?

Não, recuperamos, não soubemos ainda. Até agora não sabe como recuperaram a arma. Por quê? Porque era mentira. Porque a alegação da arma era uma justificativa para a troca, era uma justificativa para a imprensa. Tanto é que não se alou mais nisso. Nenhum jornal falou nisso. Porque era uma mentira, bolada na hora, e que foi desmascarada na hora.

Em seguida passamos a ajudar a socorrer as vítimas, a controlar a situação. Pedi para liberarem as pessoas que estavam presas, porque a situação iria ficar extremamente ruim. Para nós inclusive, vendo pessoas no camburão aberto, fechavam, espancavam, fechavam o camburão. Abriam, dali 10 minutos davam mais uma espancadinha. Vou citar os soldados que espancavam: Messias e Alfredo Santos. Espancaram por três vezes, dois sem-terra detidos numa viatura. Abriam, espancavam e fechavam. Eu saí na lateral do ônibus, e num dos ônibus, um moço me reconheceu e falou: “Ô, Colombo, ô Colombo. Tem uma menina aqui que está sem a mãe”. Perguntei por ela, ela desceu do ônibus e começou a chorar. A menina tinha uma batida na cabeça. Perguntei o que é que tinha sido. e informaram que, mostrando o vidro do ônibus, um oficial que com a parte do fundo do fuzil, espancou o ônibus e atingiu a cabeça da menina. Bateu no vidro e em seguida na cabeça da menina. E estilhaços também cortando. Ela tinha sangrado, mas já havia parado. E ela agarrou no meu corpo. Alguém da polícia tentou tirá-la de mim. A imprensa estava próxima, porque estava ali uma situação acomodada, junto ao tenente-coronel e imprensa poderia acompanhar mais ou menos, a certa distância. A menina agarrou em mim e tentaram tirá-la de mim. Naquilo me bateu o desespero, porque tenho uma filhinha de idade aproximada à dela. Coloquei-me no lugar da minha filha. Sob emoção, chorei profundamente e me afastei dali, para não acharem que eu estava fazendo um ato demagógico. Fui repreendido por um coronel que estava acompanhando, porque acharam que aquilo não iria colaborar, que eu teria que ser um cara forte, que isso iria atrapalhar e era dar muita emoção para o fato. Fui repreendido. Mas, exatamente para não demonstrar que eu estava chorando para fazer qualquer palhaçada de mídia, saí dali e fui para o outro lado da pista, porque eu havia telefonado para o meu gabinete e lá não havia carro, infelizmente o carro estava na oficina, mas pedi para me enviar um táxi, porque a menina, a partir daquele momento, e falei para o coronel Ribeiro, estava sob minha responsabilidade. Seria o tutor provisório daquela criança, que estava sem a mãe, estava ferida, precisava de ajuda e ninguém estava querendo ajudá-la, estava apavorada por causa da polícia, tremia toda agarrada em mim, completamente agarrada em mim, como os braços da minha filha. Como os braços da minha filha.

Ficamos lá até mais ou menos três horas da tarde. fizemos várias reuniões. Conversa aqui, conversa ali, o tenente coronel Ribeiro, ressaltadas algumas objeções ao seu comando, mostrou-se um homem prudente e um homem de conversa. Sentimos um pouco de humanismo ao contrário dos outros comandantes.

Foi destituído do comando da operação pelo telefone, na minha presença. Uma falta de respeito, inclusive, por este coronel. Mostra o nível que nós encontramos no Estado do Paraná.

Negociamos, eu tomei a chave do ônibus, entreguei ao coronel, em seguida negociamos com o pessoal sem-terra, várias crianças com sede e com fome, não havia o que fazer, gente ferida com medo de sair dos ônibus para serem tratadas, era muita gente ferida, portanto os cálculos de gente ferida tem que ser feito em dois ou três dias, tem gente se tratando até em Ponta Grossa que foi por conta e risco, os dados tem que sair em três ou quatro dias, segui o comboio até uma altura em Campo Largo, voltei quando a situação estava calma. Quando voltava naquele local da batalha campal, havia muitos curiosos, cheguei ali estava a deputado Rosinha e o professor Romeu, da APP, e outras lideranças sindicais e a menina.

Para completar a história da menina, ela foi carregada até meu gabinete, ficou com uma amiga, peguei uma senhora, acompanhou no meu gabinete, foi dada toda assistência aqui, Hospital Evangélico. No final da tarde encontrou a mãe dela que estava num outro ônibus e estava ferida também, encontraram-se em Campo Largo. Mas aí na volta, no local da batalha, na garota da batalha, nos encontramos com o deputado Rosinha, o professor Romeu, da APP sindicato, algumas outras lideranças, gente curiosa, transeuntes e naquela hora uma rádio de Curitiba já dava uma entrevista de um moço que foi localizado numa casa aos fundos, que ele correu, atravessou o mato e foi numa casa e apareceu por ali este moço e resolveu se apresentar porque ele conheceu o deputado Rosinha, barba característica, evidentemente mais conhecido que eu, mais tempo na política e tal, se apresentou ao Rosinha dizendo a seguinte história.

Muito importante que os deputados de Situação do governo ouçam esta parte da história que é o que vamos tratar de agora em diante que é o mais importante e que nos interessa, que ele e mais outros três companheiros da região da base eleitoral do Nereu Moura, Saudade do Iguaçu, esta testemunha é de Saudade do Iguaçu e outros companheiros da mesma área que correram juntos, saíram do ônibus, correram juntos, ele carregou um sem-terra que ele não sabe quem é porque naquela confusão, carregou um sem-terra, depois que desceram a gruta, já estavam no mato, carregou um sem-terra que estava com uma bala na altura da orelha direita, quase na nuca, transfixou a bala e ele corria, ajudava, o moço era forte, e ele cambaleava e bateu por duas vezes com a cabeça contra o mato, a árvore ali, e ele caiu e falou - me deixa, me deixa. Aí o cara falou - carrega o outro, carrega o outro - gritava desta forma, ele foi socorrer o outro e o outro estava com uma bala, uma perfuração sangrando muito no abdômen e ele carregou por mais 10 ou quinze metros este outro moço. Não agüentou porque ele desmaiou; ele fugiu porque a polícia estava em cima e estava atirando para valer, fugiu, achou uma casa que lhe deu guarida, ele estava com a roupa toda ensanguentada, estas roupas estão guardadas com o sangue das duas pessoas e se apresentou para o deputado Rosinha, em seguida, e contou esta história para nós.



Rádio Exclusiva, se não me engano, gravaram com este moço. Na hora que este moço estava dando o testemunho para mim, apesar da roupa que lhe emprestaram, com o pé dilacerado pelas mordidas dos cães, precisou de socorro, chegou, ouviram pela Rádio Exclusiva, chegou a Polícia Militar, duas viaturas da Polícia Militar e agarrou o moço e falou - vamos te levar para o hospital - falei - não vai levar para hospital porcaria nenhuma. Este moço está sob a minha custódia. Sou o deputado Colombo, me apresentei, tive que dar carteirada ali e fiquei com o moço. Entendi na hora o que estava acontecendo. Estavam dando sumiço numa testemunha importante, estavam tentando dar sumiço. O deputado Rosinha ficou no local, acompanhei o moço, estava muito atrapalhado, ensurdecido por causa das bombas e até as quatro horas da tarde não havia se desfeito o zumbido no ouvido, estava tonto, precisava de socorro médico, colocamos ele no nosso carro, naquela altura já tinha pego o meu carro que havia ficado no primeiro posto, com a ajuda do deputado Edgar Bueno que me deu uma carona, cheguei, coloquei ele no carro, com o professor Romeu, e nos dirigimos ao Hospital do Trabalhador, estou contando em seqüência tudo o que passou comigo, porque eu sou testemunha de todos estes fatos.

Chegando no Hospital do Trabalhador várias e várias pessoas feridas, tentamos, encaminhamos o moço para a emergência, o pronto-socorro, tentamos falar com a direção do hospital porque sabíamos que tinha uma pessoa gravemente ferida ali, fomos conduzidos por várias pessoas, pelo serviço social, até chegar ao pessoal do serviço de atendimento ao cliente, a senhora marta nos atendeu naquele momento, aliás, diga-se de passagem excelente atendimento no Hospital do Trabalhador em que pese o alto tumulto, alta concentração de gente, atendimento exemplar, que merece nosso elogio aqui, fomos atendidos ali e fomos informados que se tratava de um moço que foi trazido por duas pessoas num chevette e apresentaram-se no hospital dizendo que haviam encontrado aquele corpo na BR-116. O diabo faz a panela mas esquece a tampa.

O hospital passou as informações para nós, encontraram um documento no bolso daquele moço, chamava-se Antônio Tavares Pereira, conhecido meu, frequentador do meu gabinete, o hospital tinha informações de que se tratava de uma pessoa ferida no movimento sem-terra, só que ferido no movimento sem-terra na BR-116. Liguei os fatos e lembrei que o tenente-coronel Ribeiro pelo celular na nossa frente, na minha e do Rosinha, tinha dado uma ordem para apanhar um veículo descaracterizado e atender uma pessoa ferida. E encontrei no local da batalha vários agentes da polícia, da P-2. Presumi: veículo descaracterizado, a ordem então era para trazer esse moço aqui e dar essa informação para criar essa confusão, informação incorreta para criar uma confusão e estragar mais um testemunho, mais uma prova da morte do moço. E naquela hora nós conversamos então no hospital, conversamos com o médico, doutor Rodrigo, que

havia feito a cirurgia, nos informava, doutor Rodrigo e doutor Ângelo, responsável mais pela relações do hospital para fora, a seguinte informação: uma perfuração à bala no abdômen que dilacerou completamente o intestino grosso, ele falou: “eu tive que tirar todo o intestino grosso”, destruiu boa parte da artéria do íliaco, que é a artéria que irriga principalmente os membros inferiores, ele teve que fazer uma ponte para irrigar os membros inferiores, para não perder os membros inferiores, e até aquele momento o abdômen estava aberto, tinha tido uma parada cardíaca, e eles reanimaram e colocaram trinta bolsas de sangue, até pediram naquele momento, o professor Romeu se movimentou para atender o Banco de Sangue com o pessoal do sindicato para não ter problemas para o hospital, evidentemente que tem um estoque razoável, trinta bolsa de sangue equivale a nove litros de sangue, o corpo tem oito, vocês imaginem a situação do moço. E estavam tentando estabilizar, ele havia saído da sala de cirurgia com pressas, estava com o abdômen aberto, para estancar, para estabilizar o resto do organismo, fígado, rim, coração, etc., para outro dia fazer a cirurgia.

Quando saí da conversa com o doutor Rodrigo, veio o pessoal do serviço social e fala: “doutor Rodrigo, doutor Ângelo, tem oficiais da PM sem farda que estão querendo falar com vocês referente a esse moço que entrou aqui”. Se fosse na BR-116, se não fosse com o movimento sem-terra o que os oficiais estavam fazendo lá? Altos oficiais da PM sem farda querendo conversar com o cirurgião de plantão. Saímos para fora, deixamos o professor Paixão para cuidar ali daquela nossa testemunha importante, acompanhados em todos os momentos, ele foi atendido, isso já era 19:00 horas, eu não aguentava mais ficar de pé, sem comer, sem nada, fomos para casa e o moço foi encaminhado para a casa do professor em seguida num outro local mais seguro, porque hoje cedo a polícia foi atrás desse moço que é nossa testemunha lá no hospital. Por que foram atrás do moço?

Porque o moço é testemunha da morte, pela Polícia do Paraná, desse sem-terra, ex-sem-terra, há nove anos assentado.

Vou tentar, agora, mostrar quais são as mentiras do governo do Estado, com relação ao episódio. O meu assessor Adriano acompanhou os feridos, passando em cada Siate, que estava sendo acompanhado, lá, e anotando o nome deles, entrou dentro do ônibus, anotando os feridos um por um. Estão aqui. No final da tarde entraram mais gente nos hospitais Cajuru e Evangélico, anotamos mais uma lista com tudo o que aconteceu com cada um deles - estão aqui todas as informações. Quantidade de feridos: passam de cem. Policiais feridos, a informação que o tenente coronel Ribeiro me deu, foi a de um policial ferido - como está no jornal, a foto de um policial ferido.

Em um confronto, de 1.200 pessoas, que tinham 100 foices, sete, oito, canivetes e apresentavam um revólver. Naquela confusão, o revólver poderia ter apare-

cido de toda direção, inclusive, de dentro da PM. Os senhores vejam, que é uma situação bastante complicada, para dizer: coitada da Polícia, estavam correndo risco.

Ontem, à tarde, recebi das notas taquigráficas, o deputado Plauto havia informado, que em uma nota oficial do governo, que só usaram bala de borracha. A palavra “só” traz um sério risco para o governo do Estado do Paraná. Efetivamente, eles usavam bala de borracha. Esta bala de borracha, aqui, é aquela, que no Distrito federal matou gente. Ontem, vi na escola de formação militar, tive condições de conviver e falar com várias pessoas, inclusive, o serviço reservado da PM, que estava investigando sobre a questão do abuso e lá conheci uma pessoa, no tempo da CPI da Prostituição Infantil. Esse é o detonador da bala de borracha, o seu fundo é de plástico, está aqui. Esse a Emilia Belinati havia dito, que havia exterminado, com esse aqui, é uma bala com fundo de metal, é invólucro, usado para disparo de arma de alto impacto, altíssimo, calibre 12.

Esse aqui é um detonador de granada de plástico - eles chamam de bomba de efeito moral, mas na verdade, se fala granada de plástico, porque ela estilhaça e corta o corpo e tem um raio de mais ou menos de dois metros, evidentemente, o estrago é mais de efeito moral, porque ele faz muita fumaça, bastante barulho e faz pequenos cortes, para a pessoa não saber se está profundo ou superficial, a pessoa se apavora e sai em disparada - é recomendada apenas, onde você quer tirar a pessoa do buraco, não para ataque. Está aqui, se quiserem fazer perícia. Isso aqui é uma granada de gás lacrimogêneo, de médio alcance, é usado em guerra, para tirar o cara atrás da trincheira. Polícia decente e um governo que se preza, pela segurança pública, usa granada de gás lacrimogêneo de pouco impacto, de curta distância. Essas são as armas que pude pegar no local e pude me certificar do que se tratavam.

A nota que o governo mandou publicar, dizia que era só bala de borracha. E, hoje, já está desmentindo, está caindo a cara. está dito que é uma bala de metal puro, que feriu, que transfixou.

Tive informações, pelo relato do doutor Rodrigo, do Hospital do Trabalhador, ele não falou isso. Perguntei se era uma bala explosiva - eles falam que é uma bala explosiva - e ele falou: não gosto de dar essa informação, porque depois não posso assinar um atestado, se vocês colocarem isso em minha boca. Deduzi tudo. Pela situação, tem perfurações em 360 graus no abdômen da pessoa. Falei com quem entende, hoje, pela manhã. Muito provavelmente, veja bem que estou sendo cauteloso, não estou afirmando, pelos relatórios apresentandos, se trata de um projétil de uma bala, chamada dum-dum, “hollow-point”. Falei com este cara do serviço de informações da Polícia, se tem este tipo de bala aqui: - Deputado, infelizmente tem. Bala proibida na convenção de Genebra porque condena à morte quem for atingido, meia hora, 1 hora, 2 horas, 3 horas, condena à morte. Ela se abre dentro do corpo perfurando em várias direções. E também o

governo do Estado do Paraná mandou usar estas balas, é uma novidade tecnológica da Polícia do Estado do Paraná. Há uma bala de borracha também, não machuca tanto mas ela derruba o cara, uma novidade também. É esta aqui, uma bala detonada, uma bala amassada, inclusive deve ser a pele de algum cidadão.

O que estamos querendo? Primeiro que o governo pare com esta mentira de tentar criar uma cortina de fumaça e assuma a morte do sem-terra que não estava em manifestação e nem em ocupação.

Com relação a arma em poder da Polícia eu já desfiz o fato, que era mentira. Sem-terras armado, 1.200 sem-terra, 100 foices e uma pistola, fortemente armados, pelo amor de Deus! Comparado com isso aqui é um absurdo, vai acabar com a Polícia do Paraná!

O interdito proibitório, não me entregaram o interdito proibitório, trata de uma farsa, um absurdo, era a mesma liminar que mandou tirar os sem-terra aqui da praça central. Uma liminar não tem vigor infinito! Ela é liminar, no limite, naquele momento, depois auto extingue-se. E o governo do Estado mentiu quando disse que tinha autorização judicial. Se era o interdito proibitório da praça ou qualquer lugar que fosse por que a ação foi truculenta e daquela forma, 12 quilômetros da entrada das cidade? Mentira, não venha o governo do Estado, Jaime Lerner, tentar colocar a culpa ali no Palácio da Justiça! Não venha o governo Jaime Lerner colocar o povo do Paraná contra o Poder Judiciário.

E os sem-terra foram impedidos de entrar na cidade! Vieram de ônibus, como já falei, ônibus legalizados, como já falei, alguns motoristas levaram até safanões. Estavam em paz, não tinha nada de errado com os ônibus, com as pessoas que estavam nos ônibus, o que estava errado na verdade era o interesse do governo que não queria as pessoas aqui. Não tinha ação judicial não tinha nada contra a entrada deles, uma ação completamente arbitrária e ilegal!

As camisas que encontramos no lugar que os dois corpos que eu citei que caíram, nós recolhemos as camisas, folhas com sangue, o corpo foi arrastado. Temos testemunhas que a Polícia foi lá e levou estes corpos. Esta é uma testemunha diferente daquela que citei anteriormente, que para a imprensa e para rádio inclusive ele falou que é Jair e não é Jair, o nome dele é diferente, ele foi esperto, mentiu o nome naquela altura. Esse Jair e mais outras testemunhas fecham todas as informações, inclusive com a cor da camisa do moço e foram entregues estas camisas lá para o delegado de Campo Largo, para perícia. Fecha a informação que está faltando um corpo, nessa história. Hoje cedo na Comissão de Direitos Humanos, o Narciso me informou que tem mais uma informação que saiu do própria governo, passado a nível federal que esse corpo foi retirado de lá. Estamos checando agora a lista das pessoas de Chopinzinho, ele andou 17 quilômetros desde ontem, então esse não está mais desaparecido, já notificamos.

Tem pessoas que tomaram ônibus, tem gente andando pelo mato, tem um amigo meu que está assentado na fazenda Mitacoré. E a lista vai se fechando lentamente. Até chegarmos nos nomes que estão faltando e aí daremos o nome do corpo que o governo desapareceu. A informação que recebemos é que quando desaparece o corpo não existe crime. Mas tem o segundo corpo e já está morto. Quem é a pessoa que morreu? É um atingido pelo Lago de Itaipu, próximo da Ilha Grande de Guaíra. Saiu dali e foi para um dos primeiros assentamentos na região do cavernoso há mais ou menos 9 anos atrás. Ele entrou no MST, porque foi retirado da ilha por causa do remanso, da volta da água do lago de Itaipu. Era secretário da APIG - Associação do ex-proprietários da Ilha Grande. Negociamos juntos com o Ibama com o governo do Estado. Ele é estrábico e facilmente reconhecido. Esteve várias vezes em nosso gabinete. Uma pessoa muito simples, mas muito competente. Ele era que fazia as atas. Tinha cinco filhos. Trinta e oito anos. Fui eu quem ligou para o companheiro dele Carlos. Fui eu quem dei a triste notícia, não da morte, mas que o estado era gravíssimo.

Trata-se de uma agricultor que vinha para Curitiba pedir crédito. Foi barrado pela polícia, sem autorização judicial, no ônibus. Não estava em manifestação e foi morto a bala pela Polícia Militar do Estado do Paraná.

Diante da tentativa da polícia, do governo do Estado do Paraná, do secretário de Segurança de criar fatos inverídicos de mentir descaradamente, estamos pedindo que a Polícia Federal entre no caso.

Tentamos conversar com o bloco de Oposição, OAB e Ceбет. E em seguida será pedido pelos deputados federais que o inquérito seja conduzido pela Polícia Federal, a pedido da Comissão dos Direitos Humanos do Congresso Nacional. Porque a polícia não pode investigar a si própria.

Por isso queremos duas coisas do governo: investigação, inquérito isento. Segundo onde está o corpo do outro sem-terra desaparecido? Queremos esse corpo.

Muito obrigado.

#### O SR. PRESIDENTE (Nelson Justus)

Antes de conceder a palavra ao Horário das Lideranças do PTB ao deputado Valdir Rossoni, esta Presidência gostaria de render as nossas homenagens, em nome de todos os deputados, às taquígrafas desta Casa. No seu dia as nossas homenagens e o compromisso público que, durante essa gestão Vossas Excelências terão o salário que merecem e não este que recebem hoje. Parabéns!

#### O SR. VALDIR ROSSONI

Senhor presidente, senhores membros da Mesa Executiva, senhora e senhores deputados. Ouvi com atenção o pronunciamento do nosso colega deputado Irineu Colombo.

Quero colocar aqui claramente que tenho certeza absoluta que qualquer governante deste País, não é

favorável a qualquer violência, seja ele governador do Paraná, ao de São Paulo seja ele governante de qualquer estado brasileiro.

Agora, quando ouço a rica história contada pelo deputado Irineu Colombo, fico a me perguntar... e a colocação do deputado é clara, sobe na tribuna, num momento emocional em que houve a morte de alguém, de que jamais nenhum paranaense desejava e deseja. Mas temos que refletir o momento que estamos vivendo neste País. Acho que chegou o momento do Presidente da República perder algumas viagens internacionais e pensar em medidas neste País.

Porque a grande verdade, quem não é favorável ao Movimento Social, denominado, Movimento Sem-Terra. Todos somos favoráveis. O que não somos favoráveis, aí cai toda a argumentação ou qualquer razão que alguém tenha neste episódio.

Quem sai do interior, do interior do Estado, deputado Nereu Moura, que sai lá de Mangueirinha, de Bituruna, de Chupenzinho de Guairá. Quem sai num ônibus de uma cidade de interior, para vir aqui fazer uma manifestação, junta, para reivindicar recursos para que eles possam sobreviver na terra. Nunca vi alguém viajar de ônibus, para vir a Curitiba, em busca de um médico, vir visitar um parente, vir aqui visitar Curitiba, vir em busca de emprego em Curitiba. Nunca vi um cidadão e não lembro, e fui estudante, fui viajante de ônibus, por muitos e muitos anos, nunca vi alguém viajar em ônibus com foice, com enxada, com facão e com arma de fogo. Não lembro disso.

Então temos neste momento de não fazer uso desse episódio que aconteceu lamentavelmente no Paraná, politicamente. Temos sim, é de termos responsabilidade e uma coisa é certa, jamais alguém de sã consciência pode admitir em pensar, de que o governador Jaime Lerner determinou que lá houvesse violência. Quem assistiu as imagens na televisão, olha, não tenho nenhum motivo aqui para fazer a defesa da Polícia Militar ou do MST. Por quê? A Polícia Militar está no seu trabalho, a Polícia Militar estava lá cumprindo ordens, a Polícia Militar foi vista lá, pela televisão, simplesmente parada e até um determinado momento recebendo todas as ofensas morais e agressões possíveis. Isso tem que ser claro para nós. Foi evidente, até uma hora que toda ação existe. Esta Lei Física: que para toda ação há uma reação. Ora, um policial que está lá, sendo apedrejado, um policial que está lá para dar segurança, um policial que está lá sendo agredido naturalmente ele reage, mesmo sem o seu comandante determinar. Isso é próprio do ser humano. E ouvi aqui o pronunciamento do deputado - vou responder em partes aqui - Nereu, ele disse que o governador foi inaugurar a Ponte de Guaíra, inaugurar a iluminação da Ponte de Guaíra e que não devia ter ido.

O governador deveria, sim, ter uma estátua ao lado da Ponte de Guaíra porque aquela obra estava paralisada há 7, 8 anos, terminou essa grande obra para o desenvolvimento do Oeste do Estado do Paraná. Não inau-

gurou, apenas, a iluminação da ponte, mas também o acesso à ponte. Porque não tinha mais condições de trânsito, porque o trânsito lá é enorme e estava dificultando o trânsito dentro da cidade de Guaíra. E foi uma inauguração que marcou o progresso de uma região e de uma cidade que tinha sido considerada pela TV Globo, numa reportagem, como uma cidade fantasma devido à Usina de Itaipu que tinha tirado a sua maior riqueza que era as Sete Quedas.

O governador levou àquela cidade a esperança, o progresso, concluiu uma obra iniciada por governos anteriores, agora concluiu mais algumas obras que são importantes para a continuação do progresso daquela cidade. Então o governador Jaime Lerner fez o que todos os governantes fazem no momento em que se inaugura uma obra daquela importância. E não foi só a obra de Guaíra que foi inaugurada. Inauguramos, antes, deputado Nereu Moura, uma obra que liga Inácio Martins ao município de Irati. Sabe quantos passaram por lá prometendo essa obra? Muitos. E o governador teve a honra, o prazer e o privilégio de inaugurar a obra ligando aquele município. O município de Inácio Martins tem uma das estradas mais difíceis de ser construída, porque quem conhece Inácio Martins sabe muito bem que é um dos lugares mais altos do Estado do Paraná e de maior dificuldade acesso. Está o deputado Carli que conhece bem a região de Guarapuava.

Fiz essas colocações no meio do meu pronunciamento, o que tem que ficar claro para a sociedade e tenho sentido isso da sociedade paranaense, queremos lamentar, aqui o episódio do falecimento de uma pessoa envolvida neste embate. Agora, os maiores responsáveis pelo que está acontecendo com o Movimento Sem Terra é o radicalismo que tomou conta desse movimento por pessoas que querem fazer do Movimento do Sem-Terra um movimento político. E a partir do momento em que este Movimento se desvia do seu objetivo principal estão cometendo, o que é importante a ser dito aqui é o seguinte: temos que ver o que aconteceu no Paraná ontem, o que aconteceu no Brasil, invasões de prédios públicos, depredação em todo o País. Os senhores imaginem se este movimento tivesse chegado a Curitiba ontem, com as obras que estão sendo construídas aqui na frente, com tudo que está solto ali, de pedra, de madeira, de restos de construção, o que teria acontecido no Centro Cívico, ontem, aqui em Curitiba.

Tenho ouvido da população paranaense e de todas as pessoas que tenho ouvido, e lamento isso pelo movimento, porque ele é um movimento social que tem conseguido avanços na questão da Reforma Agrária, mas o radicalismo com que tenham feito os seus movimentos, têm feito com que eles percam a credibilidade.

Hoje, se formos auferirmos junto a opinião pública, a opinião do povo brasileiro sobre o movimento, o povo brasileiro não está mais pensando que isto é movimento reivindicatório com objetivo social, mas sim um movimento que no momento em que faz a sua mani-

festação extrapola e não tem a mesma lei, a lei só é boa para o movimento até que as protege, e o limite deles não tem mais limite da lei é seus direitos, quando se agride a lei, quando não se respeita a lei aí se vem com a palavra que estamos fazendo uma reivindicação social.

Então, acho que chegou a hora dos brasileiros que querem bem deste País, do presidente da República, do governador Jaime Lerner, que tenham a liderança neste País, de todos os governadores, de todas as lideranças, dos próprios líderes do movimento sem-terra nacional refletir um pouquinho em cima do momento em que está vivendo. O País vive um momento de dificuldade, o País vive um momento em que se agrava o desemprego, o País vive uma grave crise social e não podemos negar isso, mas nem por isso podemos admitir de que a baderna se espalhe nesse País.

Aqui no Estado do Paraná, se depender de nós, vamos agir com prudência que é a maneira que o governador age, mas com rigor para que a lei seja cumprida e para que a segurança do povo paranaense, para que o cidadão paranaense tenha direito sim de reivindicar, mas dentro da lei e dentro da ordem, é esta a palavra de ordem do governador Jaime Lerner que transmito a esta Casa neste momento, queremos que todos os setores organizados da sociedade do Paraná tenham liberdade de reivindicar mas dentro da ordem e da legalidade, baderna aqui no Paraná não vai se instalar.

Agradeço a atenção dos senhores parlamentares.

**O SR. PRESIDENTE (José Maria Ferreira)**

Liderança do PDT, Liderança do PSDB, Liderança do PMDB, Liderança das Oposições

Com a palavra a Liderança do PDT, do PSDB.

**(Declinam).**

Pela Liderança das Oposições, com a palavra o deputado Caíto Quintana.

**O SR. CAÍTO QUINTANA**

Senhor presidente, senhores parlamentares!

Assisti ontem um episódio lamentável que envolve a nós paranaenses. Ouvi hoje um relato circunstanciado, de quem esteve presente, do deputado Irineu Colombo. Ouço aqui as colocações do deputado Valdir Rossoni, líder do Governo, sobre o mesmo episódio.

Queria, senhor presidente depositar a questão sem-terra. De quem é a favor, de quem é contra o movimento sem-terra. Porque no fundo, é uma questão de formação de cada um, é da causa, do conhecimento, da necessidade que tenhamos de, no País de maior área agricultável ter a maior injustiça distributiva de terra também do mundo.

Mas quero esquecer esta questão politizada da questão terra. Gostaria que avaliássemos, e esta deveria ser uma grande preocupação do governo sim, também. A nossa Constituição, entre outras coisas diz: “É livre a manifestação do pensamento sendo vedado o anonimato” “este movimento não é um movimento de anonimato, é um movimento caracterizado, procurar carimbar suas

ações e é livre a manifestação. Estou dizendo que não estou aqui defendendo o movimento sem-terra e todas suas ações, estou defendendo sua existência porque não sou eu quem o defende é a constituição.

O inciso 10 do artigo 5º da Constituição Federal diz: “São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material e moral decorrente da sua violação “E diz, só para citar algumas das garantias individuais do cidadão, no inciso 15: “É livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer, ou dele sair com seus bens”.

Aí está o âmago da questão. Também não concordo com depredação de patrimônio público, não concordo porque este mesmo artigo garante o direito da propriedade e teremos que defendê-lo também como inviolável. Eu também não defendo! O que quero analisar é que cometemos ontem uma redundância nas próprias explicações da Segurança Pública.

Havia dois movimentos simultâneos e dois foram reprimidos. Um, o movimento dos caminhoneiros, que a polícia estava concentrada, proibindo parar em acostamento, fazer piquete, porque a polícia, constitucionalmente, queria garantir o direito de ir e vir do cidadão e invocava a Constituição. Do outro lado a mesma Segurança Pública está proibindo o direito de ir e vir do cidadão que são os ônibus carregando os sem-terra. Afinal, existem duas Constituições? Existem dois direitos? Um direito do pobre e outro do rico? Há um direito do forte e um direito do mais fraco? Há um direito do necessário e um direito daquele que muito tem? Acho que não!

Vamos admitir que existisse uma presunção de que o movimento sem-terra estava vindo para Curitiba para ocupar prédios públicos. Pois bem. A Polícia Militar do Estado do Paraná poderia ficar de prontidão para evitar que este prédio público fosse invadido ou depredado. Poderia ter parado na frente e não permitir o acesso ao prédio público. Poderia ter prendido as pessoas que procurassem depredar prédios públicos. Mas, não tem o direito da prevenção de que aquilo será feito. Esta, a Constituição não garante! Nem a Polícia Militar! Nem o Judiciário, se ele concedeu esta ordem para bloquear os trabalhadores na entrada de Curitiba.

Esta é a razão do requerimento das Oposições, pedindo cópia da determinação do Judiciário que deu a ordem para a polícia prender lá. Porque eu não quero discutir com a Segurança Pública. Se esta ordem existe, vamos questionar a ação deste juiz, que politizou a ação ou então incompetente para o julgamento. Se alguém deu esta ordem, seja do Judiciário ou de onde for, desrespeitou esta Constituição. Não é possível isto continuar acontecendo.

E vamos lá, meus companheiros, a quebra da ordem democrática acontece bem assim. É bem assim que os direitos individuais começam a ser frustrados.

Amanhã é a polícia na casa de qualquer trabalhador, de qualquer cidadão, arrancando alguém lá de dentro, e levando embora, como aconteceu nos períodos em que nós não tivemos o cumprimento constitucional, amanhã instituições podem ser proibidas de manifestação, amanhã, sob a presunção de que possa acontecer alguma coisa, nós podemos estar evitando reuniões de categoria por quê não? Uma reunião de classe: de professor, de trabalhador, de médicos, de dentista, de jornalista, de deputado, um Congresso da Unale, doutor Pessuti, pode ser reprimido, de medo que os deputados do País se reúnam um ato de vandalismo contra qualquer intenção a ser reprimida, na intenção de alguns. Quer dizer, não é por aí. Amanhã vem o time de Ivaiporã jogar em Curitiba. Quatro ônibus de Ivaiporã. Ou de Londrina. Ou de Pato Branco. De Francisco Beltrão. Daqui a pouco na entrada da cidade, um aparato policial proíbe os ônibus de entrar, sob a pretensão de julgar que vai dar briga no campo de futebol, sob a presunção que vai haver um confronto. E daí ela se antepõe ao confronto e não permite que o cidadão ou que uma entidade entre na cidade de Curitiba.

Esta presunção, na lei, não existe. Eu disse e torno a dizer, não quero polemizar ou politizar a questão com terra ou a questão sem-terra. É o cumprimento da Constituição que não permite que se pare na estrada quem esteja transitando por ela, sob o argumento de que ela poderá estar indo para algum lugar, praticar um ato de vandalismo.

Então, quero que os senhores me entendam, senhores parlamentares. Vamos admitir que os 2 mil pequenos trabalhadores rurais que estejam vindo para Curitiba fossem presos, todos eles, sob o argumento de que depredam um prédio público em Curitiba. Após a depredação, legítima representação e prisão. Antes dela, jamais. Jamais! Não se pode presumir que alguém vá cometer um crime. E isto é coisa natural na lei. Senão amanhã eu vou estar denunciando a um juiz de direito ou a um delegado que fulano de tal está com uma arma na cinta porque quer me matar. E a polícia vai lá e prende a pessoa, única e exclusivamente porque eu achei que iria fazer!

Infeliz ou felizmente, a lei só age em cima do fato concreto. Eu queria perguntar, ao arripio da lei, aonde serão enquadrados os sem-terra, em que artigo serão enquadrados que estavam transitando na estrada? Não tem nenhum preso, porque não podem estar, porque não cometeram nenhum crime. O direito de ir e vir é garantido na Constituição. Se não tivesse posto uma barreira policial na frente trancando o ônibus não teriam havido os conflitos, é claro que não, eles teriam chegado em Curitiba. E vamos admitir que eles viessem depredar a Assembléia. Pois bem, o presidente iria requerer força policial, ia solicitar a prisão de quem...

#### **(Término do Tempo)**

Agora, cuidado, cuidado, senhor presidente, senhores parlamentares, entendo a posição do governo em cima do fato consumado ter que justificá-lo. Mas

cuidado, atos como estes põem em risco a estabilidade democrática. Não sou extremista ao estar afirmando isto. Sucessão de atos como este é desrespeito a lei e alguém terá que ser responsabilizado sob pena de amanhã, deputado Zuk, os pequenos agricultores vindo para uma reunião da sua federação de agricultura, da sua federação de trabalhadores poder ser trancado em São Luiz do Purunã, porque não interessa a ninguém discutir a miséria do campo.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (**José Maria Ferreira**)

Horário das Lideranças: PST.

Com a palavra o deputado Divanir Braz Palma.

O SR. DIVANIR BRAZ PALMA

Senhor presidente, Mesa Diretiva, nobres pares, senhoras e senhores, realmente o acontecimento de ontem nos traz aqui a preocupação e responsabilidade de fazermos reflexões. Nós, da bancada ruralista, não poderíamos nos eximir de assumir esta responsabilidade pública e interpretarmos estes acontecimentos. Como homem público e sei que cada deputado também tem este sentimento, nós repudiamos qualquer confronto, qualquer ato que venha causar ferimento em alguém, tirar a vida de alguém em qualquer hipótese. Isto não é só nós políticos, não. Qualquer cidadão em sã consciência assim pensa. Agora, nós, como homens públicos, temos que ter também a responsabilidade de interpretarmos os movimentos sociais, e diante da luz da verdade, tomarmos as nossas atitudes e interpretarmos da melhor maneira.

Nós não gostaríamos de nos ater apenas às causas que já foram aqui descritas pormenorizadamente pelos deputados. Gostaríamos de dizer, não das consequências, mas sim das causas. As causas todos os senhores sabem. O Movimento Sem-Terra, não só no Paraná, como no Brasil está para substituir a última letra que é o T do movimento sem-terra, para movimento sem-rumo, porque na realidade está sem rumo este movimento.

Vejam os senhores, no Estado do Paraná, há trinta anos lutamos com este movimento, o Incra já assentou doze mil famílias. O Incra, e eu sou testemunha e vítima; fui refém do MST lá dentro, mais de 400 pessoas portando armas brancas, porque foice é arma branca, foice não é nenhum brinquedo de criança, todo mundo sabe disso. Foice e machado na qualificação de armas não é arma de fogo, mas é arma branca, o Incra sempre manteve as suas portas abertas para o diálogo, para as reuniões, para receber todas as lideranças do MST. Na última que lá estive, estava o senhor Roberto Baggio e seus asseclas e mais trezentas e poucas pessoas munidas de armas brancas. Muito bem! Ontem vimos este movimento, que me desculpe o deputado Caíto Quintana, quando disse que na realidade a Constituição proíbe que se aja, que não se interprete nada que não esteja por escrito, mas acontece que, todos sabemos, todos os Estados do Brasil foram invadidos numa ação concatenada,

orquestrada pelo movimento nacional do MST para as invasões em prédios públicos.

Então, sinceramente, fato notório independe de prova, a Polícia Militar agiu dentro da lei procurando evitar o pior, porque se não fizesse isso, o que teria acontecido depois? Vamos aqui interpretar. Esse movimento com mais de cinquenta ônibus, com mais de mil pessoas, com pessoas portando arma branca como já disse, e mais senhores, e aqui quero fazer um parênteses, meia dúzia, na minha interpretação, meia dúzia de pseudos líderes sem-terras, que na verdade são considerados oportunistas, pegam essas pessoas humildes e simples, porque também somos da terra, temos propriedade, lidamos com o homem da terra, sabemos que o homem da terra que trabalha no campo tem por ídole a calma, é manso, é pacífico, é bom. Esses homens estão sendo na realidade induzidos por meia dúzia de espertos para tirar vantagens materiais, para entrarem nesses ônibus, e inclusive exagerando até porque se houvesse um pouquinho de consciência, de responsabilidade, jamais eles admitiriam a vinda de mulheres com crianças de colo, e mulheres em elevado estado de gestação, vindo nesses ônibus sabendo que iriam para a baderna. A opinião pública do Paraná já captou isso, a opinião pública paranaense sabe de que lado está, não vamos nos iludir com palavras apaixonadas de que esse movimento está sendo esmagado pela Polícia Militar do Estado do Paraná, não aceitamos isso, a sociedade paranaense é bastante esclarecida para saber. A verdade é que esses trabalhadores são verdadeiras massas de manobras nas mãos desse oportunistas pseudos líderes que se dizem sem-terra.

Na realidade eles estão sem rumo, porque nós aqui dentro, como da base governista e da base ruralista, e o governador Jaime Lerner nunca fechou as portas para quem quer que seja para discutir problema de reforma agrária. Nós inclusive estivemos em Brasília várias vezes, exigimos do presidente mais recursos, mais uma ação modernizante do Incra para que se acelerasse esse movimento da reforma agrária no Estado do Paraná. Somos favoráveis à reforma agrária, entendemos que temos terras suficientes, temos bastante terra para dar a essas pessoas, fornecer a essas pessoas que querem trabalhar. Agora, não podemos aceitar que meia dúzia de espertos façam uso dessa gente simples, ordeira e trabalhadora do interior do meu Estado para vir à Capital, cumprindo uma determinação do comando nacional do MS Sem-Rumo para vir badernar e entrar nos nossos prédios e tirar a paz, a tranquilidade da nossa gente da Capital, que ontem, dia útil, não foi feriado, não senhor, o trabalhador ontem trabalhou, suou na enxada, ou seja no banco, ou seja em qualquer repartição. Vieram aqui em ônibus com foices, machados e até armas de fogo, tentar impor o caos na nossa Capital.

Que o parabenizar o governador Jaime Lerner, o secretário José Tavares que cumpriram e cumprem o seu dever como autoridades constituídas para manter a paz no nosso Estado.

O SR. PLAUTO MIRÓ GUIMARÃES

Vossa Excelência me concede um aparte?

(Assentimento)

Nobre deputado, ouço com atenção o seu pronunciamento e aqui quero trazer o apoio integral a ele. E dentro das questões que ouvi na tarde de hoje no Plenário, ouvi o discurso da Oposição, aqueles que entendem que têm que defender e estar a favor e ao lado dos movimentos sociais, que não sou contrário; sou contrário, sim, a um movimento social que age no arrepio da lei e na desordem. E no dia de ontem li um relatório aqui no Plenário dessa Assembléia Legislativa, um relatório oficial da Polícia Militar que trouxe tudo aquilo que realmente aconteceu no dia de ontem, em um confronto, que acabou acontecendo sem a vontade da Polícia, porque ela queria que ali a lei fosse cumprida e a ordem mantida. No confronto que acabou acontecendo, acabou gerando a violência que o Paraná inteiro, hoje, está sabendo.

Escutei a versão da Polícia, a versão oficial e escuto a versão do deputado Irineu Colombo, que diz que acompanhou uma boa parte de toda a ação da polícia e do confronto, que lá aconteceu. As informações que temos, nobre deputado Braz Palma, é que ontem às 08h30, da manhã, houve o começo de uma ação da polícia de onde começou a paralização de ônibus, que vinham do interior, dentro do seu direito constitucional de ir e vir, com integrantes do Movimento Sem-Terra, todos eles armados, com armas brancas e também armas de fogo, que pretendiam, dentro de um comando nacional do MST, que tinha deflagrado e lançado no nosso país, uma ação em todos os Estados, de invasão nos órgãos públicos, nos seus prédios. A Polícia Militar do Paraná, através de uma medida judicial, esteve às 08h30, da manhã, conversando para que pudessem parar esses ônibus, a sua caminhada, carreata, até os prédios públicos da Capital do Estado. Às 09h09, da manhã, deu entrada no Hospital dos Trabalhadores, uma pessoa ferida, à bala, que segundo aquela pessoa, que a colocou e a levou até o Hospital dos Trabalhadores, teria vindo, oriundo, do movimento e do confronto entre os sem-terras e a Polícia Militar do Estado do Paraná. Só que até então, às 09h09, não havia tido um tiro no movimento. Não havia acontecido confronto entre os membros do Movimento Sem-Terra e a Polícia Militar do Paraná e, sim, uma ação da polícia, para conter e desocupar o ônibus e tomar as armas, que estavam nos pertences daqueles integrantes daquele movimento. Às 10h00, da manhã, sim, nobre deputado, houve o primeiro confronto, depois de uma provocação dos integrantes do Movimento Sem-Terra, em cima da Polícia Militar, agressão com pedras e paus, ela acabou confrontando com aqueles integrantes do movimento. Então fica uma diferença um tanto quanto grande, sendo que até às 09h09, da manhã, o horário que entrou no Hospital do Trabalhador, aquela pessoa ferida à bala, não havia acontecido confronto nenhum na estrada. Ela veio a acontecer depois das 10h00. Está aí a versão dos membros do Partido dos Trabalhadores, do Líder das Oposições, o nosso companheiro

da Casa, Irineu Colombo, que falou que esteve presente e a versão oficial da Polícia Militar do Estado do Paraná.

Enfim, tudo isso está sendo averiguado e virá à tona a verdade, o que realmente aconteceu. Tenho certeza, que isso vai esclarecer, aqui no nosso Paraná e para o Brasil, a ação real que aconteceu nesse confronto, entre as duas partes.

Tenho certeza que quando escuto o nosso nobre companheiro Caíto Quintana, aqui dizer que a estabilidade democrática corre risco no país, realmente corre risco, quando ações como essas, que o Movimento Sem-Terra fez no Brasil inteiro, de invadir os órgãos públicos, ao arrepio da lei, confrontando a sociedade, as instituições e os poderes constituídos, vão, sim, dessa forma, fazer com que o risco da democracia no nosso país venha à tona.

Apóio integralmente o seu apoio. Respeito e admiro o secretário de Segurança, que tem pulso firme, fazendo com que a ordem e a lei sejam cumpridas dentro do nosso Estado do Paraná e dessa forma fazendo com que a sociedade sinta que na Polícia há pulso firme e que vai de interesse à necessidade do povo paranaense.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Caíto Quintana)

Solicito que Vossa Excelência encaminhe par a conclusão do seu pronunciamento.

O SR. DIVANIR BRAZ PALMA

Senhor presidente, agradeço as palavras do nobre deputado Plauto Miró Guimarães e quero encerrar, fazendo um apelo para que essa Casa de Leis, que sabe da gravidade do problema, do que tratamos, aqui, da Reforma Agrária, que não somos contra ela, somos contra a violência. É preciso humanidade, que se respeite, no mínimo, o estado de direito. Estamos do lado de quem protege nove milhões de paranaenses, que é o nosso governador Jaime Lerner, que ele tem essa obrigação, de agir, impedindo que se transforme em caos o nosso Estado.

Então, de nossa parte, sempre estaremos aqui defendendo o estado de direito, a lei não escolhe pobres nem ricos, alei é favorável ao direito e meu direito começa onde termina o direito do próximo. É preciso que se tenha em todo o Brasil, mas será resolvido num estado de serenidade, de respeito e dentro do estado de direito.

Quero aqui, para terminar, repudiar a atitude da CNBB, que incitou e aprova as invasões de propriedades produtivas. Eu, como católico, não concordo que a CNBB, uma entidade com essa envergadura, com essa importância na formação da opinião pública e espiritual de nosso povo venha praticar um desserviço desse como incitar as pessoas a invadir as terras. São desserviços dessa forma que fazem com que o Brasil tenha dificuldades em sair do 3º mundo!

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Caíto Quintana)**

No horário do PT, concedo a palavra ao deputado Péricles Mello.

**O SR. PÉRICLES MELLO**

Senhor presidente, senhores deputados.

Na verdade não ia nem me pronunciar na tarde de hoje, porque ouvi o pronunciamento substantivo, o relato que aqui fez, com muita clareza, tão somente o que ele viu, deste triste episódio que marca com sangue a história do Paraná e a história desse governo que aí está.

Depois ouvi o deputado Caíto Quintana que, com muito brilhantismo, colocou no devido lugar a causa do conflito e quem provocou, realmente este conflito, que foi o governo do Estado do Paraná, traindo a lei, a Constituição do país, que o governo tem que respeitar, dando origem a um conflito que feriu mais de 50 pessoas e acabou ocasionando a morte de um trabalhador. O Colombo fez aqui um relato de quem é essa pessoa, um homem de quase quarenta anos, com 5 filhos, um pequeno agricultor, já assentado que vinha a Curitiba se manifestar na luta por uma política agrícola a favor dos pequenos produtores que estão desaparecendo do Paraná e do Brasil. Mas depois das questões colocadas por um dos líderes da bancada ruralista, questões já muito conhecidas de todos nós, que tentam descaracterizar através do sofisma, do preconceito, do estigma, movimentos pobres do campo, não poderia deixar de vir aqui.

Na verdade, senhores deputados, o que é massa de manobra? Quem tem poder para transformar os outros em massa de manobra e quem tem poder, neste país e no Paraná para fazer com que as pessoas pensem ora para um lado e ora para outro? Quem tem este poder é quem tem o poder do dinheiro, quem tem o poder do Estado, quem tem o poder da grande imprensa e de todos os aparelhos ideológicos que acabam fazendo com que a opinião pública ora penda para um lado ora penda para outro. Vamos ver o tratamento que a imprensa, de forma geral, com algumas poucas exceções dá à questão que aconteceu ontem. Vamos pegar um dos principais jornais do Paraná, um dos jornais mais tradicionais deste Estado, o jornal do Estado do Paraná. O que diz na manchete deste jornal? "MST troca terra pela baderna". Essa é a manchete, completamente isenta, que um dos principais jornais do Paraná coloca na sua primeira página!

Vi alguns jornais, jornalistas inclusive ridicularizando o deputado Colombo, o deputado Rosinha, por eles intervirem num momento agudo do conflito, terem impedido que o conflito fosse maior ainda, e pelo fato de o deputado Colombo ter chorado diante da ação criminosa que viu contra inocentes, contra as crianças.

Deputado Divanir Braz Palma, quem tem poder para transformar pessoas em massa de manobra, inclusive para comprar consciência de pessoas, não é o MST. Não são esses líderes abnegados que empunham uma bandeira, uma causa sacrificando a própria vida, vivem de maneira pobre, sem dinheiro e sem nada, apenas por

um ideal. Um ideal que está cada vez mais difícil de manter no mundo de hoje. Um mundo hoje onde as pessoas cada dia mais pensam no vil metal e o neoliberalismo transforma a vida das pessoas em uma verdadeira selva, onde um passa por cima do outro para poder sobreviver.

Temos que reconhecer que essas pessoas merecem o respeito de todos nós pelo paradigma moral que representam nessa selva que transformou o mundo de hoje, principalmente o nosso país e o nosso Estado.

É bom tentar desconstituir alguns argumentos preconceituosos que servem muito bem para propagar o senso comum e a ideologia que domina através do poder da mídia, do dinheiro, da Polícia e do Estado.

Temos que entender que o MST, pois é o único movimento que organiza os pobres. As pessoas estão morrendo à míngua. Cada dia que passa a miséria aumenta. As pessoas, por não terem como lutar morrem à míngua igual ovelha, se acabando lentamente. Aí, não posso aceitar as lágrimas de crocodilos daqueles que acham que é um absurdo trazer uma criança num ônibus, mas não se preocupam que essas crianças morrem aos milhões antes de um ano de idade.

Se o pobre morrer igual ovelha, à míngua, sem gritar, aí pode. Agora, todos aqueles que ousam lutar contra esses sistema cruel, são transformados em demônios da sociedade naqueles que transformam outros em massa de manobra, que enganam as pessoas humildes e simples. Essas pessoas humildes e simples que estão sendo mortas e assassinadas pelas balas da polícia do Estado do Paraná e desse governo que aí está.

Para mim existe uma lógica subjacente sobre isso tudo. Por que será que num determinado momento histórico o governo, que até então havia agido de outra maneira, passa a atuar com mão de ferro? Primeiro no movimento Brasil Caminhoneiro. Esse movimento ocorreu em todo o Brasil e não houve ação policial violenta. E, de repente, aqui no Paraná crime que envergonha esse Estado, que é o aumento do pedágio, este sim, crime que suga a bolsa e a vida das pessoas. E o governo agiu de forma violenta, colocando cachorros, atuando violentamente na calada da noite para evitar que o movimento contra o pedágio continuasse. Porque era a hora exata para intervir de forma violenta para acabar com qualquer rebeldia contra o pedágio para consolidar finalmente o aumento criminoso do pedágio no Estado do Paraná.

Um governo completamente acuado. Acuado pela CPI do narcotráfico. Delegado geral corrido da Polícia, envergonhando o Paraná. Acusações contra o secretário de Segurança que estava jantando com o delegado geral e foi demitido. Vindo à tona "o rei colocado a nu" que uma parcela da Polícia Civil comandava o narcotráfico do Paraná. O desmanche de carro e crime organizado, de outro lado, começamos a mostrar estruturalmente o crime do pedágio.

O Ministro Rafael Greca atropelado em Brasília, sendo ridicularizado nacionalmente, e uma CPI em Lond-



rina e uma comissão concessante do Ministério Público, tirando do poder um aliado do governador atingindo o coração do Palácio Iguazu, da vice-governadora, do governador do Estado, da Copel, da Sercomtel, do Banco FonteCindam, o governo precisa desviar a atenção da opinião pública para o outro lado.

Aí talvez a história mostra, quando começa acontecer anomalia social, a miséria aprofundando. Existe a possibilidade histórica de o fascismo vir com o seu facão, trazer a grande noite escura do autoritarismo. Às próprias massas populares.

Aí sim, a opinião pública é manipulada pelos grandes meios de comunicação, acaba incriminando aqueles que não merecem ser incriminados, que são a consequência mais trágica desse sistema cruel desigual, desumano, que é o sistema que hoje impõe os seus poderes aqui no nosso Estado.

Há uma lógica neste governo, e é lamentável que se preste a esta lógica um deputado que foi nosso aliado em causas nobres; é triste que se preste a esse papel um colega nosso acabando por gerar a morte de um simples homem que trabalhava por sua terra. Sempre que houve negociação não aconteceu violência, porque o MST, com suas foices, suas facas, esteve aqui à nossa frente. Quantos meses e que violência aconteceu. Quantas vezes estiveram aqui nesta Casa, as lideranças do MST, enchendo este Plenário, fazendo reuniões aqui embaixo, alguma violência aconteceu?

Violência talvez deixar o deputado Divanir Braz Palma, preso durante uma hora no Incra. Essa violência é que causa choro de deputado.

Essa violência do MST, qualquer violência seria repudiada por nós e sempre atuamos na intermediação, na negociação. Por causa da nossa intermediação não houve conflito.

Estive em Ponta Grossa num conflito de ocupação de terra e o MST, ágil, negociou com a proprietária, saiu quando foi preciso e voltou quando era necessário, pacificamente.

Conversamos a noite com o deputado Plauto, na casa de uma senhora já de bastante idade em Ponta Grossa e sempre que houve intervenção, intermediação do Estado, as negociações foram pacíficas e ninguém morreu.

Agora o governo quer impedir um movimento reconhecido mundialmente de vir à Curitiba. Por favor, já fechou a praça.

Agora tentou impedir que este movimento viesse acampar ali no Barigüi, para depois fazer a sua jornada de reivindicação. Aí concordo totalmente com o deputado Caíto Quintana, Não vamos aceitar esta ladainha”.

**O SR. PRESIDENTE (Caíto Quintana)**

Todas as Lideranças do Governo declinaram.  
Não havendo expediente a ser lido,  
Passa-se à

**ORDEM DO DIA,**

com a presença de 54 senhores deputados.

**O SR. VALDIR ROSSONI**

Senhor presidente, solicito verificação de quórum.

**O SR. IRINEU COLOMBO**

Senhor presidente. Solicito Chamada Nominal.

**O SR. PRESIDENTE (Caíto Quintana)**

Responderam a chamada nominal 13 senhores deputados.

**Não há quórum para prosseguimento da sessão.**

Nestas condições, declaro encerrada a presente sessão marcando outra para quinta-feira, dia 04, às 10:00 horas, com a seguinte

**ORDEM DO DIA:**

**REDAÇÃO FINAL** - do Projeto de Lei Complementar nº 142/99; e dos Projetos de Lei nºs 638/99, 010 e 020/2000.

**3ª DISCUSSÃO** - dos Projetos de Lei nº 026 e 612/99.

**2ª DISCUSSÃO** - dos Projetos de Lei nºs 107, 108, 110 e 113/2000.

**1ª DISCUSSÃO** - dos Projetos de Lei nºs 640, 569/99, 026 e 077/2000.

Levanta-se a sessão.